

Suicídio na adolescência: uma abordagem psicanalítica

Suicide in adolescence: A psychoanalytic approach

Christian Ingo Lenz Dunker¹, Marcelo Rasga Moreira²

DOI: 10.1590/2358-28982026E111335P

RESUMO Entrevista aberta, seguindo roteiro orientado, realizada nos dias 18 e 20 de junho de 2024, com o professor Christian Ingo Lenz Dunker, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. O objetivo desta entrevista foi discutir o suicídio em adolescentes no Brasil a partir de uma abordagem psicanalítica. Foram abordadas, sobretudo, questões relativas: i) à pressão social sobre os adolescentes; ii) às expectativas em relação ao desempenho e ao sucesso; iii) ao papel das políticas públicas; iv) às trajetórias de vida e possíveis 'pistas' sobre o suicídio; v) ao suicídio como uma solução para problemas; vi) à proximidade com a morte entre adolescentes que participam do tráfico de drogas; vii) à pseudofragilidade dos adolescentes contemporâneos; e viii) à necessidade de abordar mais e melhor o tema.

PALAVRAS-CHAVE Suicídio. Adolescente. Psicanálise.

ABSTRACT Open interview following a guided script, conducted on June 18 and 20, 2024, with Professor Christian Ingo Lenz Dunker from the Institute of Psychology at the University of São Paulo. The interview aimed to discuss suicide among adolescents in Brazil from a psychoanalytic perspective. The discussion focused primarily on issues related to: i) social pressure on adolescents; ii) expectations regarding performance and success; iii) the role of public policies; iv) life trajectories and possible 'clues' about suicide; v) suicide as a solution to problems; vi) proximity to death among adolescents involved in drug trafficking; vii) the pseudo-fragility of contemporary adolescents; and viii) the need to address the topic more thoroughly.

KEYWORDS Suicide. Adolescent. Psychoanalysis.

¹Universidade de São Paulo (USP), Instituto de Psicologia (IP) – São Paulo (SP), Brasil.

²Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Estratégia Fiocruz para a Agenda 2030 (EFA 2030) – Rio de Janeiro (RJ), Brasil.
rasgamoreira@gmail.com



Introdução

O suicídio é um importante problema de saúde pública/coletiva, globalmente destacado pelo Objetivo de Desenvolvimento Sustentável – ODS 3.4 e reforçado pelo Brasil, que estabeleceu, como um dos indicadores de monitoramento do cumprimento da Agenda 2030, a redução em um terço da taxa de suicídios em pessoas acima de 5 anos de idade¹.

Apesar de apresentar uma taxa de suicídios similar e/ou relativamente menor do que a de outros países no mesmo estágio de desenvolvimento, o Brasil tem lidado com o aumento constante da taxa de suicídios entre adolescentes², que, levando-se em conta a faixa etária de 10 a 19 anos, aumentou de 1,7/100 mil em 2000 para 4,5/100 mil em 2022, conforme dados do Sistema de Informação de Mortalidade (SIM).

Guimarães, Moreira e Costa³, ao refletirem sobre os efeitos da redução da população adolescente no Brasil, apontam que tal transição demográfica abre uma janela de oportunidades para políticas públicas voltadas a essa população. Concentradas na organização da oferta de ações, especialmente a promoção da saúde nas escolas, a prevenção e o fortalecimento de programas de saúde mental, e reforçadas pelo enfrentamento dos preconceitos⁴ e do negacionismo, tais políticas têm efetivo potencial para lidar com a questão do suicídio.

Atenta a essa janela de oportunidades e compreendendo que o aumento da taxa de suicídio entre adolescentes aponta uma tendência que, se não for interrompida, pode, nas próximas décadas, assumir proporções de difícil reversão. A presente entrevista foi realizada de forma *online*, nos dias 18 e 20 de junho de 2024, e tem como objetivo discutir o suicídio em adolescentes a partir de uma abordagem psicanalítica (em outras entrevistas, abordagens sociológicas, psiquiátricas e de saúde pública também foram trabalhadas) com um dos principais intelectuais brasileiros da atualidade, Christian Ingo Lenz Dunker, Professor Titular em Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP/USP).

Marcelo Rasga Moreira – Christian, nosso objetivo com essa entrevista é contribuir para delinear uma abordagem psicanalítica para a atual situação do País, em que a taxa de suicídio entre adolescentes está, há tempos, em crescimento, cenário que é ainda mais grave entre indígenas, em que o suicídio é a principal causa de mortes nessa faixa etária.

Christian Dunker – Olha, eu não vou repetir os dados, mas eles são preocupantes! As curvas crescem! Tenho conhecimento de que crescem em locais como Mato Grosso do Sul (com indígenas) e nas Serras Gaúchas, em um tipo de comunidade que depende muito da economia do fumo – que tem grande incerteza, grande sazonalidade, onde o sujeito pode ir muito bem em um ano e pessimamente no outro! – e é uma área grande de imigração alemã e italiana, com altas doses de ‘individualização’.

Esses dois exemplos apontam para, de um lado, uma cultura de altíssimo desempenho, valorização e reconhecimento a partir do que o adolescente consegue entregar em termos de eficiência, de resultados, de funcionalidade social e, às vezes, econômica, também; e, de outro lado, a questão dos Guaranis, que se liga muito à experiência de pertencimento e à perda de referências – “*De onde eu vim?*”, “*Como eu me relaciono com os ancestrais?*”, “*Como eu faço jus àquela promessa que me foi transmitida?*”, “*Como eu me situo num certo enraizamento?*”.

São dois casos extremos e que refletem lógicas contrárias, que estão presentes na adolescência!

O adolescente, desde sua invenção lá com o romantismo alemão do Século XVIII, tal qual a gente hoje o reconhece – como fase de transição e formação –, tem que resolver duas problemáticas distintas: i) como habitar ‘este’ corpo, como pertencer a ‘este’ corpo, o que é uma problemática de pertencimento; e ii) como pertencer a este grupo, como pertencer a – no limite – este mundo que me foi apresentado agora?

Acho que o que distingue a primeira infância da adolescência é essa indagação sobre que ‘habitar’ está reservado para esse sujeito que, logo em seguida, vai fazer escolhas profissionais, amorosas, sexuais...

Isso já é, por si só, fonte de angústia, porque a adolescência vai produzir uma espécie de ‘enraizamento artificial’! Você não está mais na família... “*Que lugar você quer para si? – Não sei ainda... estou decidindo!*”.

E essa angústia pode ser aumentada por pressionamentos sociais, culturais, de raça e de gênero! Várias coisas podem aumentar essa que a gente chamaria de uma ‘angústia esperada e básica’.

De outro lado, você tem a angústia derivada da substituição de uma forma de reconhecimento baseada no amor insubstituível, no amor familiar, na identidade não posicional, mas estrita dentro da família... para alguém que é ‘como os outros’, que precisa concorrer com outros e precisa decidir em que termos, por quais meios e por quem, em última instância, quer ser reconhecido!

Essas duas problemáticas se cruzam na adolescência: com quem vai namorar? Que orientação sexual? Que futuro quer para si? Uma está mais ligada ao passado – de onde eu vim –, outra está mais ligada ao futuro.

E o ingresso nessa gramática preparatória para o “*Olha, você não é mais amado pelo que você é, mas pelo que você faz! Fez uma coisa errada, perdeu o amor, perdeu o reconhecimento! Fez uma coisa certa, ganhou reconhecimento, ganhou aceitação dentro do grupo!*”, que é um grupo que ele vai escolher! Uma questão reenvia à outra, que manda para a primeira e que vai produzindo uma certa dialética.

O que me parece estar acontecendo em relação à adolescência contemporânea?

Essas duas gramáticas estão se assoreando, estão perdendo as suas soluções óbvias disponíveis por gerações e mais gerações! E elas se tornam objeto de modos de criação que são novos! Novos porque são atravessados pela tecnologia, novos porque originaram-se em uma realização, novos porque estão sujeitos a uma transmissão desejante que a gente considera

um pouco problemática, porque, em alguma medida, ela é pouco mandatória.

Gerações como a minha, ou a anterior, encontravam – pelo menos a classe média, mas também em outras posições sociais – significantes, ordenamentos mandatórios que, de certa forma, eram claros: “*Seja honesto! Trabalhe! Estude! Se você fizer o ‘caminho das pedras’... É o que a gente, família, espera de você!*”.

No fundo, isso significa: seja mais ou menos como a gente é! Siga mais ou menos essa forma de vida e a reproduza nos seus termos!

Feito isso – ou seja: pago o pedágio –, você tem, então, autonomia... “*a gente espera que você encontre autonomia, liberdade...*”. Em contrapartida, você encontra a ideia de que precisa criar, além de tudo, um caminho que seja original, seja singular, seja próprio... seu!

Essas duas exigências estavam lá atrás um pouco assim: “*Como você vai conciliar trabalho e prazer? Como você vai conciliar uma escolha profissional que te garanta algum emprego, mas também seja o que você gosta?*”. Essas duas exigências formam uma encruzilhada mais ou menos típica.

Contudo, o que foi transformado nas formas de criação mais contemporâneas?

“*Eu não vou me meter na sua vida! Eu acho que você deve escolher radicalmente, tanto o lugar, tanto a forma, quanto o meio de realização! Eu espero e demandando que você seja feliz!*”.

Essa interpelação de felicidade, frequentemente, vem acompanhada de uma espécie de barganha – tácita ou explícita – que coloca: de um lado, ou você está em dependência e me obedece – então, você é uma criança, um ‘menor’ –; de outro, você está independente, é livre, arrume o seu destino, faça sua vida, crie o seu próprio horizonte!

Essa encruzilhada se tornou mais aguda, menos mediada... ela se tornou palco, inclusive, de uma espécie de regressão – do ponto de vista de ideais sociais –, a ponto de que a ‘boa vida’, a ‘vida exemplar’, não é mais a do adulto, não é mais a do idoso, é a do adolescente!

O modelo de quem está pensando o mundo, de quem deveria ter mais poder, de quem

deveria fazer as coisas por nós... se concentra nessa forma de vida adolescente!

Isso cria uma espécie de choque – o adolescente recebendo uma mensagem que diz: *“Você tem tudo para ser feliz! Você está no lugar social que invejo! Quando eu tinha a sua idade, eu me reprimia! Você, agora, tem que aproveitar os prazeres da carne! Não perca tempo, porque, se não, você ficará um adulto ressentido como eu!”*.

Essa pressão para a realização em um momento em que, do outro lado, o que acontece são formas de pertencimento digital, *nudes*, reformulações de relacionamentos sem luto e sem processos de articulação e desarticulação... ou seja: uma experiência subjetiva fortemente marcada pela eternização de um instante: *“Cometi um suicídio social! Fiz uma bobagem! Mande uma mensagem errada! Fui cancelado!”*.

Não tem volta! Não tem negociação! Não tem segundo turno! Não tem desculpas! Não tem negociação com o outro que você ofendeu!

Isso está muito fortemente na lógica discursiva digital e torna o problema do pertencimento um problema gravíssimo! Porque eu vou fazer escolhas e elas são, por um lado, extremamente plásticas, efêmeras, desmancham no ar! E, por outro lado, elas são sem volta!

Marcelo Rasga Moreira – Então, os adolescentes vivenciam uma violenta pressão social?

Christian Dunker – Vamos dizer que a gente escuta – agora pensando um pouco mais na Clínica – uma diferença muito substancial de quando comecei a clinicar, há 30 anos: as pessoas tinham crianças de 8 anos e púberes de 11 ou 12 anos! Chegavam na sessão: *“E aí? – E aí... nada! Meu pai falou que você não está indo bem na escola. – Foda-se!”*.

Era o cara lá, defendido, às voltas com a descoberta de que os adultos se tornaram os inimigos! E você tinha que ir com tato e cuidado, entrando nesse mundo, usando a linguagem que fosse pertinente! Esse quadro, que era meio atípico – começo de adolescência e 8 anos, que é fim da infância! –, transformou-se em uma espécie de atitude genérica, em que

há um déficit muito grande, entre os nossos adolescentes, de intimidade, de falar de si, de suas vulnerabilidades, suas indecisões, seus erros e seus temores!

Acho que a nossa cultura vai se tornando mais e mais terapeutizada porque antigos espaços de amizade, de intimidade... se tornaram mais e mais raros!

Então, namoros acontecem, as pessoas contam *“quantos eu beijei na festa?”*, contam com *“quantos eu transei?”*... mas quando você pergunta: *“E qual a história?”*... é um encurtamento que faria inveja a Lyotard! É um encurtamento narrativo dramático! De adolescentes de 14 anos, 15 anos, 16 anos! É como se fosse uma extensão daquele muro de compartilhamento subjetivo para a travessia mais longa, da adolescência para adolescência tardia!

E, do outro lado, você tem outra experiência muito pervasiva, que expõe a violência contra si, que torna a violência contra si uma alternativa tentadora, que é a perda da comunalidade.

Ou seja, antes: *“Você é um entre outros! É um comum! Você faz o que pode, mas, como tantos outros!”*. Hoje, não: aqueles que existem – e o Brasil tem condições que pioram essa regra draconiana – são aqueles excepcionais, são aqueles que têm dotes, aqueles que têm aqui uma especialidade... os comuns são os ‘ninguéns’!

E a massa dos ‘ninguéns’ aumentou muito com processos de criação excessivamente narcísicos, um processo de transmissão cultural mediado por um universo digital meio desorganizado e por um processo econômico que fez a ‘Geração X’, a ‘Geração Z’, os ‘milenials’... esperarem um futuro de grande aumento, de grande crescimento – de *“Olha! A vida para vocês vai ser mais fácil! Vocês terão um futuro de maior empregabilidade, de menos trabalho e mais prazer!”*... – e que entregou crises sucessivas de entrada no universo do trabalho, que entregou valores reais de recebimento de salário muito declinantes!

Então, hoje, um adolescente olha e diz: *“Eu não vou conseguir fazer o que os meus pais fizeram! Comprar um carro, ter uma casa... sozinho, não vai dar!”*.

Isso cria uma espécie de recuo em relação ao futuro! O que é terrível quando se pensa em alguém que, tendo outras fragilidades, um momento depressivo, entrou em uma ideia suicida... é acossado por esses outros elementos mais estruturais!

Tenho escutado muito de adolescentes: “*Eu não vou trabalhar porque o mundo vai acabar antes. Eu não vou fazer aposentadoria, INSS... porque não vai ser necessário!*”. Você vê aí uma ‘angústia climática’ – todo mundo discutindo isso! – que é apropriada para encurtar o futuro e para estender um presente ampliado!

Marcelo Rasga Moreira – Em outros momentos da nossa sociedade – e de outras –, os adolescentes não tinham esse rol tão amplo de preocupações. Havia algumas coisas muito certas para eles fazerem – ir para escola, descansar, encontrar os amigos... Pensando em uma sociedade democrática, espera-se hoje do adolescente muito mais do que se deveria?

Christian Dunker – Num certo sentido, a gente espera mais!

Espera esse intolerável que é a felicidade! Espera esse estado modelo de gozo, espera-se um desejo superdecidido, autonomia, independência...

Por outro lado, a gente espera muito menos!

Espera muito menos civilidade, muito menos urbanidade, muito menos intimidade, muito menos comunalidade!

Tem um rebaixamento com uma inflação da idealização que recai sobre os adolescentes e que eles incorporam na sua própria trajetória de conflitos intercalados!

É típico da adolescência experimentar uma marginalidade no sentido antropológico do termo: “*Eu estou à parte! Ninguém é como eu! Eu sou um marciano, um ser de outra espécie!*”.

Qual era a solução clássica disponível? Um dia, ele descobre que existem outros marcianos! Vai para o clube dos marcianos, descobre que tem o clube dos venusianos, o clube dos uranianos... e isso é uma reconstrução

da sociedade, do vínculo social! Em outros termos: uma segunda natureza que permite dizer “*Essa, fui eu que escolhi!*”.

Isso está quase ocluído para os adolescentes contemporâneos porque essa identificação de grupo se instrumentalizou! Então, a ideia de que “*somos todos marginais*” passou a ser uma ideia também dos adultos! E das crianças com transtorno do espectro autista, dos neurodivergentes... quando todo mundo se torna ‘marginal’, não tem mais ‘marginalidade’ nesse sentido de reconstruir um grupo!

Marcelo Rasga Moreira – O que as políticas públicas podem fazer sobre a questão do suicídio?

Christian Dunker – Várias coisas!

Educação sexual! Isso é parte do currículo! Eu tive, outros tiveram! Serve para um monte de coisas aleatórias e tem que entrar na pauta!

A discussão sobre aborto! Quantas mulheres não são levadas a atos de suicídio por assédio continuado? Por abortos que não são possíveis? Por pressões de controle sobre o corpo?

Propiciar a redução de opressão de gênero, a opressão de classe, a opressão de raça! É o ‘bê-á-bá’ para você conseguir alcançar alguns fatores transversais que pioram muito a situação do adolescente!

A gente poderia pensar em inúmeras outras políticas de estado! Por exemplo: jovens, especialmente os de periferia, têm pouquíssimas opções de “*Eu vou construir o meu grupo aqui do Rap!*” ou “*O meu grupo aqui da poesia, do Slam!*”. Onde é que está o apoio do Estado para isso? Os campeonatos de futebol, os campeonatos de banda... Isso seria uma coisa simples! Uma política municipal de cultura poderia ser revigorada nesse sentido!

Já em termos de saúde mental, hoje, se você precisar de uma psicoterapia, precisar falar com alguém, e se não tiver recursos privados, você não vai conseguir!

Os Caps [Centros de Atenção Psicossocial] não vão oferecer isso para você! São a principal e muito boa política pública em termos de saúde mental, mas são orientados para casos

graves! Uma política que escolhe atacar a questão em situação mais complexa! Os sofrimentos de média complexidade não têm lugar! E isso se agrava em certos contextos de matrizes religiosas e assim por diante.

Marcelo Rasga Moreira – Uma política que atue na linha do CVV [Centro de Valorização da Vida] seria uma política pública importante?

Christian Dunker – Sim, porque o suicídio do adolescente, a gente divide em dois ‘grupos’: um grupo, que são aqueles casos em que há consumo de droga, situação de vulnerabilidade, violências repetidas, condições clínicas favoráveis como depressão, ansiedade... Esse é um grupo importante!

O outro grupo é formado pelo que a gente chama expressivamente de ‘suicídios impulsivos’, que é aquele suicídio que se a pessoa falar com alguém, ela não faz! Mas tem que ser na hora! Não pode pegar fila! Se pegar... perdeu! Tem de estar disponível para aquela fala em que, no fundo, eu vou me escutar e, me escutando, abro cadeias cognitivas que me tiram um pouco da angústia e da solução da angústia pelo ato!

Então, para esse grupo, uma política pública de oferta de escuta básica em saúde tal como faz o CVV? Excelente!

Marcelo Rasga Moreira – Podemos pensar que, ao longo da vida, os adolescentes que se suicidam vão deixando sinais da ideação suicida? Eles vão pedindo ajudas, e a gente não consegue perceber, os serviços de saúde não conseguem perceber? Os problemas vão se acumulando, até sob outras formas, e, em um determinado momento, ‘estouram’?

Christian Dunker – Olha, eu gosto muito de uma pesquisa – já deve ter uns cinco anos – que fez um balanço acerca das pesquisas sobre o suicídio nos Estados Unidos. Sobre os últimos 50 anos. E eles chegaram a uma observação que eu achei muito sagaz e muito condizente com a realidade clínica do processo.

Eles dizem assim: depois que acontece, é superfácil você descobrir as pistas, é supertranquilo você dizer *“Olha aqui: tinha uma depressão, tinha o uso de álcool, tinha autoagressão, tinha uma violência doméstica, tinham momentos de desgarramento de grupos de referência, de escola etc... Olha! É um perfil muito fácil da gente identificar! Então, vamos fazer o contrário! Vamos prever! Aquela criança que começa mais ou menos assim e, depois, faz um quadro assim... a gente poderia fazer prevenção fácil do suicídio dessa maneira.”*

E o que a Pesquisa mostra? Que as pesquisas têm um baixíssimo grau de prognóstico! Ou seja, que há algo suspeito nessas condições, nesses traços, nessa ideia, inclusive, de que há avisos! Sim! Há avisos! Mas a gente pode dizer que há, permanentemente, avisos sobre qualquer coisa que a gente for fazer!

Os processos de pesquisa hoje, usando Big Data, internet, acompanhamento cotidiano massivo de tudo que a pessoa faz, permitem muitas ilações e induções de que *“Olha aqui: essa curva já estava se formando! Esse outro arco de comportamento já estava em gênese!”*.

Por que isso é bom e ruim para o caso do suicídio? Porque coloca para a gente a importância de uma prevenção menos focal, menos *“Olha! Vamos pegar os casos que têm os indícios”*! Porque me parece que o suicídio mais difícil de ser evitado é aquele que tem menos pedidos de ajuda! É aquele que está lá no fundo da classe em silêncio, baixa sociabilidade, fala pouco, anuncia pouco o que vai fazer, vive no estado de solidão, de isolamento!

Você pode dizer: *“Mas, então, vamos combater o isolamento massivo!”*. Não vai dar!

Ou seja, isso é uma pista para a gente mudar, talvez, a qualidade do olhar para a questão: os indícios são dados, mas desde que a gente tenha espaços de escuta! Espaços de escuta mais genéricos, em que você não está só focado no suicídio, mas naquilo que o antecede! Ai sim, acho que a gente pode dizer: esse é um bom indicador porque é um indicador genérico! Os estados e sofrimentos, especialmente os estados não subjetivados e sofrimentos,

aqueles que estão com uma dissociação, com uma espécie de isolamento de afeto ou de distanciamento em relação aos outros! E esses são aqueles que merecem uma busca ativa! Vamos lá buscar esse caso e vamos fazê-lo falar!

Especialmente quando a gente fala em adolescência, esse tópico é importante! Aquele adolescente que nunca se pôs essa questão seriamente não é o verdadeiro adolescente! É uma criança que ainda está caminhando para olhar o mundo no qual ela precisa tomar uma decisão subjetiva de reengajamento!

No fundo, o suicídio adolescente tem muito essa estrutura de olhar para o mundo que ‘agora eu percebo’ que ele tem uma dimensão processual e tem uma outra dimensão de ingresso, de término de formação, de aposta, de engajamento transformativo em que, entre um espaço e outro, a pergunta do suicídio vai ser colocada!

Ou seja: ela não é uma pergunta patológica! A ausência dessa pergunta, pode ser!

O que torna essa pergunta patológica é quando ela é erotizada, quando ela se transforma em ideação, quando ela se transforma em planejamento, quando ela está acompanhada de uma constelação depressiva, psicótica, uma constelação de sofrimento, agudo ou crônico... E quando, do outro lado, você tem condições favoráveis para o ato!

Essa mesma pesquisa que mapeou as pesquisas sobre o suicídio chegou a uma conclusão banal, mas muito interessante: o que faz diferença? Claro: sistemas de apoio, CVVs, espaços de escuta, psicoterapias, indicações etc... mas ela também apontou a instrução de porteiros de grandes edifícios públicos, a colocação de vigias na ponte de Golden Gate... e você pode dizer que é um bloqueio mecânico... mas é um bloqueio mecânico que dá resultado!

Jamais, em tempo algum, arma dentro de casa! E isso irrita muito a gente, porque é um consenso que as políticas públicas recentes não conseguem minimamente entender, respeitar! Arma dentro de casa vai aumentar o suicídio por mais que se diga: “*Eu vou esconder! Eu não vou mostrar! A pessoa nunca vai ficar*

sabendo!”... é sabido que a disponibilidade de meios aumenta o suicídio!

O problema é que, com o aumento da medicação mal distribuída, mal gerida e mal fiscalizada, a disponibilidade para suicídio por medicação psiquiátrica vertiginosamente subiu! E acho que a gente já tem esses casos tornando a curva, que antes era diferencial entre meninos e meninas, mais estável. A gente sabe que as mulheres têm um certo recuo em relação à prática de atos violentos em torno do suicídio.

Marcelo Rasga Moreira – Pode-se, de certa forma, entender o suicídio como uma solução? O adolescente encara o suicídio como uma solução para problemas que ele não consegue lidar?

Christian Dunker – Às vezes, uma solução, e, às vezes, um ato ético! Que a gente não tomaria, mas é aquele ato da pessoa que diz: “*Eu não quero mais isso!*”.

‘Isso’ pode ser uma condição de sofrimento aguda, que a gente vai comparar com a eutanásia: “*Uma vida desse jeito... eu prefiro não!*”. Todo mundo vai dizer: “*Poxa... legal! Vamos apoiar a eutanásia, a distanásia!*”. Há muitos estados em que a vida não merece! A gente é que encobre a adolescência com idealizações de que vai ser legal para todo mundo!

No entanto, a segunda, que eu diria, aí sim, condição do ato ético, é aquela do sujeito que diz assim: “*Tem coisas boas e ruins! Eu não estou sofrendo amargamente! Eu não estou achando isso aqui o fim da picada! Mas eu prefiro... não!*”. Como diz o personagem do Melville: “*I would prefer not to!*”. Eu preferiria, não!

Esses suicídios são muito mais difíceis da gente entender! E, às vezes, eles correm o risco de serem fetichizados! De serem elevados à condição de que “*Olha! Um herói faz isso! Alguém que é muito diferente, faz isso!*”.

De fato, isso é um risco social! Quando a gente faz cobertura de imprensa, quando a gente fala sobre suicídio, é preciso ter no radar que isso mexe na equação! Pode não determinar, mas mexe na equação!

Marcelo Rasga Moreira – Entrevistando o sociólogo Michel Misse (UFRJ) – que fez o primeiro estudo sobre violência e adolescência ainda na época do Estado da Guanabara! –, ele apresentou uma reflexão que agora me ocorreu trazer também para essa questão do suicídio: para ele, hoje, a grande diferença é que o adolescente que está submetido à violência do tráfico/milícia sabe que a morte o está rondando. Então, a opção dele por estar no tráfico é uma opção na qual a morte faz parte do jogo! No suicídio seria algo parecido? O fato de o adolescente ter a morte rondando faz com que ele a encare como opção?

Christian Dunker – Tem uma descrição psicanalítica para esse processo, que é mais ou menos assim: dadas as alterações de lugar simbólico, de imaginalização de si, ideais, próprio corpo... – tudo aquilo que, para alguns psiquiatras, definia a adolescência como uma ‘síndrome normal’, que todo mundo deve passar! –, essa metamorfose vai colocar o sujeito diante de uma espécie de tateamento em relação ao real. Tanto o real no sentido da autenticidade quanto o real no sentido daquilo que faz a diferença radical! Aquilo que conta absolutamente! Porque é uma posição em que o imaginário e o simbólico se rearticulam: *“Opa! Ali é um limite! Um limite do que eu posso pensar, do que eu posso falar, do que eu posso gozar!”*.

David Breton, antropólogo francês que escreveu sobre os afetos, tem uma boa descrição de como o sujeito adolescente realiza esse tateamento, vai se aproximando, inclusive, daquilo que lhe causa angústia, para se posicionar como sujeito, usando de jogos perigosos, transgressões, uso de substâncias... uma série de práticas que a gente diz: *“Olha! Parece que o adolescente está querendo sentir a proximidade do impossível! A proximidade da Morte”*.

E isso, no fundo, define aquilo que, para o adolescente seria o adulto! O verdadeiro adulto enquanto herói! É aquele que é capaz de forçar o seu personagem social, a sua posição, o seu imaginário ao limite!

Bom, a gente vai ter aí todo o passado da

cultura guerreira! Morrer em batalha, jovem, como exemplo maior de coragem!

O que é esse protótipo? É, no fundo, o protótipo do adolescente reconhecido!

E se a gente pensa na adolescência com uma crise de reconhecimento – reconhecimento do outro, reconhecimento de si, reconhecimento do outro para si – essa vai ser, de fato, uma função organizadora, por mais que seja perigosa! Por mais que seja essa extensão do *“Por que vou em frente ou não?”* (na questão do ‘suicídio não patológico’, vamos chamar assim), na sua ligação com esse tateamento do real.

Parece que, nos casos em que a gente vê de longe, dos adolescentes em conflito com a lei, dos adolescentes que se alistam como soldados do tráfico... parece que tem essa dimensão de ascender rapidamente a uma posição de reconhecimento, de temor, de ser capaz de ser rapidamente um adulto, por ter uma arma atrás de si, ter o poder de prover para sua família, proteção! Muitas vezes isso é muito importante! De prover para sua família, vingança... outras tantas vezes, isso é muito importante porque é o irmão que se foi, o pai que se foi, o tio que se perdeu para um lado ou para o outro... Essa dimensão vai colocar o suicídio como... não é bem uma ‘decisão de’, mas é uma exposição a uma zona de risco onde isso vai te acompanhar dia e noite.

Marcelo Rasga Moreira – Parece que, em certos setores da sociedade, e até mesmo no setor saúde, muitos estão trabalhando com uma ideia de que o adolescente seria ‘frágil’ e, por isso, ele se suicidaria. O que você pensa disso?

Christian Dunker – Não concordo!

Contudo, isso fala um pouco do lugar social da adolescência para o adulto! Para nós, os velhacos, que dizemos *“A minha? Foi uma adolescência heroica! Eu passei por bullying, frustrações, marteladas e estou aqui, vivo! Olha como sou foda e esses caras são os fracos! Eles ainda não sentiram o gosto do fio da faca!”*.

É obviamente uma ilusão! Não prospectiva,

mas retrospectiva!

Agora: não confundir esse efeito com uma outra coisa que eu acho que acontece que é uma outra compleição narcísica, em que a gente altera as medidas, a volumetria... não é que o adolescente, hoje, seja mais ou menos narcísico do que o adolescente de ontem! Mas como o narcisismo é formado por um sistema de reconhecimento que é historicamente dado e operado, o narcisismo dos anos 1960 não é o mesmo narcisismo que a gente vê hoje! E é nesse diferencial que o adulto vê a fragilidade!

No fundo, mudaram os riscos, mudaram o que é ‘ter coragem’! Hoje, você se expor em uma rede social, dizer “*Acho que...*” é um gesto de coragem para um adolescente que o adulto não consegue medir!

Isso porque, para o adulto, pode ser trivial: “*os outros vão achar você um idiota? Tudo bem achar você é um idiota!*”.

Não! Não é tudo bem achar você um idiota! Porque, hoje, os empregos são conseguidos por indicação! O valor proporcional no grupo ao qual você pertence mudou! E se você comete ‘suicídio social’, você vai pagar uma pena que não era a pena que você pagava lá nos anos 1920, criando o seu próprio grupo de marginais!

É como se o risco e a coragem, a relação com a sexualidade... Você vai dizer: “*que pessoa na nossa idade ia brincar de dar beijos lésbicos numa festa e, depois, dizer ‘eu sou bi’, mas agora ‘eu estou queer’!?*”. Você era um babaca! O babaca que escondia o máximo que podia certas inclinações, que hoje estão aí a céu aberto, que estão ganhando a expressão e a coragem!

Há, também, um efeito histórico, datável, que incide no narcisismo, que são os ‘modos de criação’. Você tem ‘modos de criação’ que são hoje excessivamente medicalizantes e medicalizados! Quebrou o joelho? Medica! Está sofrendo insônia... medica! Tem uma ansiedade, medica!

Isso cria uma fragilidade porque vai dizendo assim: “*não adianta muito o que você pode fazer com o que os outros fizeram com você! Você precisa ou ter cacife para regular a paisagem*

externa, mudar de casa, comprar outra... ou uma alquimia para alterar a tua paisagem interna!”.

Então, aí podemos dizer que se coloca um tipo de fragilidade, mas não é porque a essência do adolescente é mais frágil! É porque você não está ensinando, não está propiciando, não está valorizando situações que outrora eram situações formativas! E que, às vezes, eram formativas no sentido deformativo: “*engole o choro! Homem Não Chora!*”.

Marcelo Rasga Moreira – “*Volta lá e bate nele!*”.

Christian Dunker – Esse é o forte! Inclusive o eixo ‘forte-fraco’ é um eixo datado! Se você for perguntar para os adolescentes: “*Qual é o vetor moral?*”... Talvez esse eixo tenha uma valência muito pequena ou menor do que tinha para as gerações passadas!

Marcelo Rasga Moreira – Christian, tem alguma coisa que você queira acrescentar? Há algo que a gente não tocou, mas que você ache importante para o nosso tema?

Christian Dunker – Eu acho que tem um tema que eu não teria muito que dizer, mas é um tema emergente. Durante muito tempo, você tinha um *code* que era: “*ao falar de suicídio, não espetaculariza; não entra na cabeça do sujeito; não narra explosões, fatos... não faz foto; não reproduz a semana inteira que houve o suicídio...*!”. Havia uma codificação de como falar no suicídio quando ele acontecia: a preocupação com o suicídio por contágio!

Isso não dá mais! Não dá mais porque não funciona! Como competir com o Instagram, o Facebook? Não vai competir! Você não vai mais ter esse tipo de controle que você tinha!

Por outro lado, a gente tem diretrizes institucionais que não dão conta do problema! Como você fala de suicídio sem infantilizar, sem patologizar, sem racializar, sem criar aquela imagem do “*Olha o suicida aqui!*”. É difícil! É um desafio!

Contribuições de autoria

Dunker CIL (0000-0001-7335-4561)* contribuiu como entrevistado, revisor da transcrição

da entrevista e escritor do artigo. Moreira MR (0000-0003-3356-7153)* contribuiu como entrevistador, transcritor da entrevista e escritor do artigo. ■

Referências

1. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [Internet]. [Rio de Janeiro]: IBGE; 2026. Indicadores Brasileiros para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável; [data desconhecida] [acesso em 2025 abr 15]. Disponível em: <https://odsbrasil.gov.br/objetivo3/indicador342>
2. Guimarães RM, Moreira MR, Costa NR. Suicide among the young population and the urgency of public health policies. *Lancet Reg Health Am.* 2024;35:100793. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.lana.2024.100793>
3. Guimarães RM, Moreira MR, Costa NR. Demographic dynamics and the emergency of health policies? Review for the child and youth population in Brazil. *Lancet Reg Health Am.* 2024;32:100700. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.lana.2024.100700>
4. Ferreira AP, Santos DS, Wermelinger ED. Perspectivas e desafios do cuidado em saúde mental de adolescentes em regime socioeducativo: um estudo de caso. *Saúde Debate.* 2024;48(143):e8949. DOI: <https://doi.org/10.1590/2358-289820241438949P>

Recebido em 17/11/2025

Aprovado em 13/01/2026

Conflito de interesses: inexistente

Disponibilidade de dados: os dados de pesquisa estão contidos no próprio manuscrito

Suporte financeiro: Ministério da Saúde, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca

Editor responsável: Nilson do Rosário Costa, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Centro de Estudos Estratégicos Antônio Ivo de Carvalho (CEE) e Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp) - Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8824778325312068>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8360-4832>, e-mail: nilsondorosario@gmail.com

*Orcid (Open Researcher and Contributor ID).